

Memória, infância, limiar e imagem dialética em Walter Benjamin

Memory, childhood, threshold and dialectical image in Walter Benjamin

Viviane Bitencourt dos Santos¹ 

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

“Somente o presente está em condições de despertar o passado e de entender seu índice secreto” (Collomb, 2010, p. 114)

RESUMO

A obra de Walter Benjamin transita entre várias áreas do conhecimento, mas *Infância em Berlim* por volta de 1900 é um dos textos com a abordagem mais literária e menos teórica e, devido ao seu caráter fragmentário, parece um amontoado de aforismos aleatórios. No entanto, os textos que o compõem não apenas representam parte das proposições benjaminianas colocadas em prática, como também trazem elementos que fomentam reflexões acerca da modernidade. A partir da análise desse material, será verificado como esses textos sobre a própria infância do autor das *Passagens* emana da teoria dele, mantendo um sistema de coerência entre o que defende com a forma como escreve. Para isso, serão delimitadas algumas ideias essenciais, como o conceito de limiar, a relação entre memória voluntária e involuntária; infância, crítica à linearidade temporal e imagem dialética.

Palavras-chave: Infância; Memória; Imagem dialética; Walter Benjamin

ABSTRACT

Walter Benjamin's work moves between various areas of knowledge, but *Infância em Berlim* por volta de 1900 is one of the texts with the most literary and least theoretical approach and, due to its fragmentary nature, it seems like a pile of random aphorisms. However, the texts that compose it not only represent part of the Benjaminian propositions put into practice, but also bring elements that encourage reflections on modernity. From the analysis of this material, it will be verified how these texts about the author of *Passagens*' own childhood emanate from his theory, maintaining a system

of coherence between what he defends and the way he writes. To this end, some essential ideas will be delimited, such as the concept of threshold, the relationship between voluntary and involuntary memory; childhood, criticism of temporal linearity and dialectical image.

Keywords: Childhood; Memory; Dialectic image; Walter Benjamin

INTRODUÇÃO

Do limiar à imagem dialética

O limiar para Walter Benjamin é mais do campo do abstrato e temporal do que do espacial, uma vez que ele se refere, principalmente, a momentos marcados por conquistas, aprendizagem e superação de etapas, como aprender a praticar alguma atividade ou desenvolver uma habilidade, por exemplo. Dessa forma, não se trata de uma divisão exata e concreta entre algo, como um muro que divide dois lados. O limiar separa momentos que se transpõem de forma gradual, por isso ele não assume a separação de dois extremos, mas os relaciona. Em *A ilha dos pavões e Glienicke* (Benjamin, 2012, p. 138), Benjamin relata sobre a experiência de ultrapassar com a bicicleta os limites aos quais deveria se prender até então, pois havia ganhado a validação para pedalar além do espaço asfaltado do ginásio, podendo explorar o jardim e seu piso irregular. Essa permissão marcaria a conquista de uma etapa e o enfrentamento de uma outra fase. Ao falar sobre os próprios sentimentos em relação a esse episódio, o narrador expõe:

fiquei atordoado. O caminho era de cascalhos; as pedrinhas rangiam; pela primeira vez, não havia proteção alguma contra o sol que me cegava. O asfalto era sombreado e cômodo e não possuía caminhos predeterminados. Aqui, no entanto, os perigos nos espreitavam a cada curva. Embora não tivesse nenhuma roda livre e o caminho fosse plano, a bicicleta parecia se mover por conta própria. Era como se eu jamais a tivesse montado. Uma vontade autônoma começou a se manifestar no guidom. Cada buraco na estrada ameaçava me tirar o equilíbrio.

Havia um tempo que eu desaprendera a cair, mas eis que agora a gravidade fazia valer sua força, à qual renunciara durante anos. (Benjamin, 2012, p. 140)

O limiar ultrapassado pelo jovem Benjamin, no trecho descrito, não é simplesmente a fronteira entre o espaço asfaltado – seguro do ginásio e o jardim cheio de obstáculos e perigo, mas toda a sensação que aquele momento, para o qual ele se preparava já há algum tempo, proporcionava. Essa mistura de sentimentos positivos com o medo e a insegurança foram essenciais para que aquela experiência se tornasse ainda mais relevante para a transformação daquele indivíduo que se desenvolve cada vez que supera algo novo. Por isso, “mais do que uma aprendizagem de uma atividade esportiva, trata-se da possibilidade de expressar sua individualidade que o seduz” (Collomb, 2010, p. 118). Além disso, superar aquele momento com êxito foi essencial para que ele percebesse que havia ultrapassado um limiar e que “a partir daí, o terreno à sua volta esta[va] ao seu alcance” (Collomb, 2010, p. 119). Ele descobriu que algumas ações são capazes de romper fronteiras que restringem nossa liberdade no mundo. O passeio aventureiro faz parte da relação da criança com sua própria individualidade, uma vez que ela percebe que a bicicleta é uma ferramenta e, a partir do momento em que é capaz de utilizá-la, passou a ter “acesso a um poder técnico sobre o mundo” (Collomb, 2010, p. 119).

Outro exemplo no qual o limiar possa se apresentar como um elemento físico, mas simbolizar a relação entre momentos e sensações diferentes está no texto *Rua Blumeshof* (p.95-99), no qual é narrado um episódio em que a criança se depara com a sala onde estão vários presentes de Natal e, mesmo que sinta vontade, não ultrapassa o limiar da porta. Essa cautela se dá por uma tentativa de não se frustrar, acessando algum presente que não fosse dele e, posteriormente, devolvendo ao verdadeiro dono. Embora o foco desse trecho pareça ser apenas em relação ao espaço físico, a leitura cuidadosa evidencia que ultrapassar aquele limite significa muito mais do que simplesmente sair de um cômodo e entrar em outro, pois esse limiar simboliza

a separação das emoções diferentes que possam dominar o indivíduo, já que afasta essa criança de possibilidades que possam gerar diferentes sentimentos estando de um lado ou de outro: a vontade e a ânsia de acessar aqueles objetos misturavam-se ao medo da decepção. Nesse caso, o limiar simboliza a separação entre o indivíduo e o incógnito. O medo da frustração e o controle do impulso de transpor para o cômodo onde estavam os presentes não foram reações inexplicáveis, mas, provavelmente, frutos de sua experiência, a qual é destacada no conto *A febre*.

Estive muitas vezes doente. Daí talvez venha o que os outros qualificam em mim como paciência, na verdade, não se assemelha a virtude alguma: é apenas a tendência a ver se aproximar de longe tudo o que diga respeito a mim, tal como as horas se acercavam de meu leito de doente. E, do mesmo modo acontece que, numa viagem, me falta a maior alegria se não tenho de esperar o trem muito tempo na estação, e ainda deve ser este o motivo por que dar presentes se tornou para mim uma obsessão; pois aquilo que surpreende os outros é previsto por mim, doador, com muita antecedência. Sim, a necessidade de ver chegar o futuro através de um tempo de espera [...] (Benjamin, 2012, p. 108-109)

Nessa perspectiva, a atividade de reflexão, foi desenvolvida durante as vezes em que estivera doente e até mesmo “a leitura era proibida” (Benjamin, 2012, p. 108). Só lhe restavam os próprios pensamentos ou as histórias da mãe, e ele “as amava” (Benjamin 2012, p. 110).

Em *Caçando borboletas*, o narrador relata seu gosto por caçar borboletas durante as férias, tarefa infantil que encanta muitos. Esses insetos estão diretamente ligados a dois elementos que fascinam o homem e são alvo dele: beleza e liberdade. A leveza e a delicadeza de suas asas inspiram as pessoas, e o charme com o qual essas asas são batidas ao alçar voo representam uma liberdade que os humanos não têm. Elas habitam jardins, campos e parques e, assim como elas, a criança também anseia em “abrir as asas” e voar mundo afora, ultrapassando o limiar do conforto familiar. Caçá-

las é uma atividade desafiadora e conquistá-la simbolizaria atingir objetos almeçados, como o alcance à beleza, à pureza e à liberdade tão fugaz do indivíduo. Esse triunfo leva a criança ao deleite, pois “era como se sua captura fosse o único preço pelo qual [sua] condição de ser humano pudesse ser reavida” (Benjamin, 2012, p. 81). Essa captura é o rompimento com o cotidiano e suas tarefas, mas é também um ato de violência. A sensação buscada pela criança resulta em danos que a borboleta sofrerá, e o jovem Benjamin colecionava aquelas que ele alcançava, roubando a liberdade delas, como se esta pudesse ser transferida a ele, fazendo-o ultrapassar o limiar do espaço infantil.

Passar pelo limiar significa queimar uma etapa, pôr fim à aprendizagem, expor-se ao desconhecido, enfrentar a história e suas vicissitudes. A prudência aconselha ficar no limiar, onde a criança ainda não perdeu nada daquilo que era familiar e de onde pode observar sem risco o que se anuncia. (Collomb, 2010, p. 119)

O limiar também está na passagem do mundo homogêneo ao heterogêneo. No texto *Esconderijos* (p.91), Benjamin narra sobre a relação osmótica entre a criança e os objetos. No encantamento entre ela e o mundo, a materialidade do ambiente parecia fazer parte de seu corpo, estendendo seus membros e integrando sua imaginação. Contudo, vai gradualmente se exteriorizando, conforme a criança se desenvolve como indivíduo e passa a ter mais consciência daquilo que é interno ou externo a ela. O limiar entre o ser e os objetos vai se reforçando cada vez mais, ao passo que o material também perde seu encanto e começa a ser visto de forma puramente instrumental. “As aprendizagens técnicas” são, de certa forma, responsáveis pelo desencantamento da criança em relação ao mundo. Trata-se de um limite entre o ser e aquilo que não faz parte dele. A segurança da criança em casa e a sensação de que ela integra o ambiente como se fossem um único ser demarcam o espaço da imaginação e da familiaridade.

Em sua acepção puramente espacial, os limiares familiares prendem a criança num universo de relações pré-lógicas, como se ainda

estivesse envolvida numa mentalidade primitiva da qual irá emergir progressivamente graças à educação. As aprendizagens técnicas que Benjamin evoca são aquelas que levam a criança a passar de uma osmose essencial com os objetos a uma relação instrumental. (Collomb, 2010, p. 117)

A educação como parte do desenvolvimento humano não é apenas importante, como também essencial, porém ela não pode se limitar ao ensino da técnica instrumental, e nisto consiste uma das críticas benjaminianas, já que afeta, além da relação entre o indivíduo e o mundo, as relações humanas. “Em todas as suas fases, Benjamin pensou simultaneamente o ocaso do sujeito e a salvação do ser humano” (Adorno *apud* Gagnebin, 2011, p. 75). Em *reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, por exemplo, Walter Benjamin defende que a educação moral, quando não sai do campo da teoria e da racionalização, não atinge seus objetivos de desenvolvimento humano,

Assim, por exemplo, quando se pretende inculcar o amor ao próximo em uma criança ao descrever-lhe, durante o café da manhã, o trabalho das muitas pessoas graças às quais é possível agora saborear os alimentos. Pode ser um tanto triste que a criança receba tais percepções da vida apenas numa aula de moral. Mas essa exposição só impressionará uma criança que já conheça a simpatia e o amor ao próximo. E ela só vivenciará estes sentimentos na comunidade, nunca em uma aula de moral. (Benjamin, 2011, p. 16).

Nesse sentido, a racionalização do saber, além de não ter resultados tão efetivos, provoca uma outra situação problemática: a reificação do indivíduo, ao passo que há uma tentativa de ensinamento ao próximo baseado na produtividade do outro, pois a valorização dessas pessoas se dá não a partir do que elas são, mas do que produzem. Assim, o próximo deve ser amado por ter exercido alguma função, como fazer parte do ciclo responsável pelo alimento saboreado. As relações humanas

baseadas no funcionalismo ganharam espaço na modernidade e ainda reverberam na sociedade contemporânea, o que evidencia a falha do ensino técnico e instrumental, que é aplicada sem o devido valor do desenvolvimento humano. Por isso, algumas disciplinas, como filosofia, literatura e história, são tão desvalorizadas, pois não parecem ter uma utilidade imediata como o progresso exige ou promete. Para Benjamin, a ética se estabelece em fazer algo em prol da humanidade ou de uma maioria e não em vantagem ou satisfação própria. No entanto, as relações sociais ganham um aspecto cada vez mais superficial e particular, porque o interesse pelo outro se perde, principalmente quando se trata de sujeitos que não representam, na sociedade, um papel considerado relevante. Após o desencantamento da criança com o mundo, tudo aquilo que não tem uma utilidade é desprezado. Por isso, a transição do limiar entre o mundo homogêneo e o heterogêneo – embora seja essencial para o desenvolvimento da criança para que esta se torne um sujeito, no sentido de autonomia – não pode ser baseado apenas no utilitarismo dos objetos, pois essa lógica se transpõe às relações humanas, empobrecendo-as.

IMAGEM DIALÉTICA

A crítica benjaminiana à razão instrumental caminha junto à crítica à linearidade do tempo. Para Benjamin,

O verdadeiro significado do limiar não está no término de uma experiência passada ou na transição necessária para uma realização futura, mas no momento da presença total consigo mesmo. Não se pode compreender adequadamente a função do limiar no pensamento de Benjamin sem relacioná-lo à sua concepção de imagem dialética e à do tempo. (Collomb, 2010, p. 120).

Não se trata de uma divisão em relação a algo, mas de uma transição gradual e, principalmente, no sentir e viver simultaneamente sensações diferentes, de forma não

linear. Assim, a imagem dialética em Benjamin é a correspondência de sentimentos contraditórios em um mesmo espaço de tempo, como os sentidos por ele durante a aventura com a bicicleta ou aguardando para saber qual seria o presente de natal sem se desiludir com o que pertencesse a outro. As imagens dialéticas permeiam as instâncias “separadas” pelo limiar, fazendo-as dialogar, pois elas não estão desconexas. Por isso, na crítica à linearidade temporal, Walter Benjamin defende que o passado não pode ser entendido por si só. É preciso pensar nele e no presente de forma simultânea, pois um está intrinsecamente ligado ao outro. A junção entre esses dois tempos proporciona uma totalidade para uma melhor compreensão do vivido, já que o presente apresenta uma possibilidade de entendimento daquilo que já foi, o que contribui com olhar para o futuro, que não deve ser prioridade, já que o progresso, como proposto na modernidade, olhava para a frente sem se ater aos rastros do passado, arrastando catástrofes. Assim, as imagens dialéticas funcionam “como chaves para compreender o passado histórico” (Collomb, 2010, p. 121). Dessa forma, o retorno à infância, por meio da memória, torna-se eficiente devido ao presente, já que

Despertar a memória do passado somente é possível a partir do “agora de um possível conhecimento”, desse momento presente que confere repentinamente às coisas passadas sua verdadeira fisionomia. Invertendo o sentido habitual da historiografia, o despertar pertence à temporalidade messiânica. (Collomb, 2010, p. 121).

A simultaneidade sensorial, que ocorre até mesmo de forma paradoxal, não é possível apenas em fatos do passado, como os relatados pelo narrador de *Infância em Berlim por volta de 1900*, mas também no próprio presente quando se retorna ao passado. Ela se dá na relação entre os retalhos que integram uma totalidade, a qual reúne esses dois tempos. A concepção de tempo descontínuo só é possível por meio de imagens dialéticas analisadas a partir de limiares entre momentos ou conquistas diferentes, por exemplo. O agora é essencial para se preencher lacunas do

que se foi, seja em uma análise de acontecimentos históricos e coletivos ou daqueles experienciados por um indivíduo. Da mesma forma que é preciso compreender o passado histórico, ao invés de simplesmente se virar para o futuro em busca do progresso, o indivíduo também precisa entender os acontecimentos da própria vida. O primeiro é uma tentativa de desprender o coletivo das ruínas do passado para não ser empurrado para o futuro pela tempestade que é o progresso (Arendt, 2008, p. 178), já o segundo tem como possibilidade preencher lacunas e ir complementar o *Eu* do presente.

Os conceitos de imagem dialética e de limiar se complementam, e Benjamin não se limitou a apresentar proposições que convergem. Ele conseguiu levar sua teoria à prática. Nesse sentido, a escrita fragmentária¹, tão característica de seus textos, é justificada pela ideia das imagens dialéticas (Collomb, 2010, p. 123), já que a totalidade se dá a partir de partes integrantes, como um mosaico, ou uma mônada. Além disso, “escrever consiste largamente em citações – a mais louca técnica mosaica imaginável” (Arendt, 2008, p. 173), como uma colcha de retalhos. Essa técnica usada por Walter

Benjamin também é sustentada pelo fato de que ele “tinha paixão pelas coisas pequenas, até minúsculas” (Arendt, 2008, p. 176), já que sabia que elas continham detalhes que juntos formavam uma totalidade. Aquilo que passou despercebido é o que tem algo de novo a ser revelado, por isso, os rastros são tão importantes, principalmente quando se percebe que sempre haverá algo do passado ainda presente ou que possa voltar a qualquer momento, o que reforça a importância das imagens dialéticas, pois elas conseguem lidar com a simultaneidade de temporalidades distintas.

¹ A construção de textos fragmentários teve grande destaque a partir dos primeiros românticos de Jena e constitui a estrutura do romance *Lucinde*, de Friedrich Schlegel, e da *Revista Athenäum*, por exemplo. Segundo a teoria de Friedrich Schlegel. “No romantismo, torna-se necessário escrever em fragmentos porque, justamente, a genialidade só se deixa apreender de forma fragmentária: ‘Chiste é espírito social incondicionado, ou genialidade fragmentária’ (SCHLEGEL, 1997, p. 22). Em desacordo com o modo como o idealismo tratava o pensamento, o romantismo irá se contrapor a uma suposta sistematização da intuição. Esta aparecerá de forma espontânea, imprevisível, só podendo, portanto, ser colocada no papel em fragmentos. Existiria, portanto, uma exigência fragmentária, na medida em que a intuição se inscreve como arroubo de genialidade, expresso pelo Witz ou achado irônico – pontual e certo. Assim, forma radicalmente cortante como um relâmpago que aparece e se finda no instante, o fragmento aparece como alternativa para o edifício contínuo e massivo do sistema. (Kussumi, 2017, p. 31)

PERCEPÇÃO SENSORIAL COMO ELEMENTO DA MEMÓRIA

O saber é sensorial e pensar nisso faz mais sentido considerando que essa palavra vem do latim, "*sapor*", que também deu origem a "sabor". O sensorial assume um papel fundamental, pois "[...] são também as sensações que permitem uma libertação do transitório para acessar a essência do tempo" (Collomb, 2010, p. 122). Nessa perspectiva, as sensações integram o sistema cognitivo, contribuindo com o aprendizado e reforçando os exercícios de memória, a qual, por sua vez, se relaciona ao afetivo, deixando de ser apenas um armazenamento de dados e atuando como um sistema que contribui com o desenvolvimento do indivíduo e à "totalidade" do eu. Singularidade e sinestesia são essenciais para o conceito de memória e estão no campo da particularidade do indivíduo que volta a si mesmo para depois acessar o que lhe é externo: fragmento de um todo, o que exemplifica a relação entre o particular e o universal. A sensação provocada no sujeito retoma, de forma vívida, emoções que reacendem na memória momentos já esquecidos, como percebeu Proust, na Madeleine. Esse retorno interior não se limita ao campo do particular, pois o que acontece com o indivíduo reverbera nas suas relações sociais e também preenche lacunas que possibilitam uma melhor compreensão do passado histórico, sendo ainda coletivo. É possível descobrir no passado "coisas velhas", mas paradoxalmente novas, já que ainda era algo oculto e único que se revela. Em uma perspectiva psicanalítica, o Eu do presente influencia o que será resgatado daquilo que foi vivido e como será a percepção do que é recuperado da infância. A completude do indivíduo no agora é guiada não apenas pelo que ele vive, mas também pela memória e pelos rastros do passado, além de uma tentativa de materializar esses rastros no tempo com a escrita, a qual atua como preenchimento de lacunas naturais do ser humano, uma vez que também permite a criação e registros do vivido. É possível perceber uma conexão entre a abordagem benjaminiana à teoria freudiana: um paciente "retoma" ao vivido para enfrentar os fantasmas do passado e resolver traumas. Esse retorno faz parte da

“completude” do sujeito do presente. Desse modo, as imagens dialéticas permeiam o limiar entre essas instâncias temporais, sem demarcar uma divisão fronteira, já que a simultaneidade sensorial é essencial para essa conexão, que por sua vez é necessária para a possibilidade de se preparar para o futuro, sem abandonar restos que se amontoam, uma vez que o preenchimento de lacunas contribui com a resolução de situações inacabadas.

O que deflagrou, inicialmente, escrita de *Infância em Berlim por volta de 1900* foi uma resposta “à proposta da revista *Literarische Welt*” (Gagnebin, 2011, p. 73). O retorno a momentos do passado de forma proposital é uma busca voluntária pela memória. Ela é consciente, mas não deixa de ser restrita, já que não é possível lembrar todos os fatos ou detalhes. Por outro lado, o sensorial atua como elemento do despertar da memória involuntária, aquela que retoma parte do que foi soterrado e esquecido na inconsciência. Por isso, “são também as sensações que permitem uma libertação do transitório para acessar a essência do tempo” (Collomb, 2010, p. 122), como na Madeleine. “Sem dúvida, como em Proust, as imagens do passado infantil voltam para iluminar o presente por uma coincidência súbita que não depende da memória voluntária do sujeito” (Gagnebin, 2011, p. 73). Para experienciar um retorno à infância e ao sensorial de forma mais confiável possível, Benjamin viaja a alguns lugares sobre os quais escreve para relembrar seus momentos de infância. Essa busca talvez seja uma tentativa de evitar equívocos, já que, apesar de sua importância, a memória é uma captura fragmentária do tempo e, por isso, não é confiável, pois, embora ela contribua com a busca pela totalidade, ela nunca representará um todo, e sua análise depende também de uma leitura subjetiva e interpretativa.

Em “Tiergarten”, Benjamin rememora algumas sensações que sentia em relação ao parque da cidade. Apesar disso, é importante ressaltar que o que ele descreve agora é visão de um adulto sobre eventos do passado, o que compromete a correta veracidade das emoções ali descritas. Isso não significa que todo o processo de retorno foi comprometido, pois a ida ao local antes da escrita provoca um efeito sensorial,

o que remete à Madeleine, mas não significa também que a emoção de agora seja exatamente igual à que sentira antes, já que as experiências vividas durante os 30 anos entre esse passado e o momento do relato influenciam os eventos atuais. Um filme, que transmite um estímulo imagético mais do que a nebulosa lembrança, por exemplo, pode ser assistido por uma mesma pessoa em momentos díspares e, dificilmente, ela terá as mesmas impressões, já que cada momento vivido transforma o indivíduo, o que estimula emoções diferentes. É interessante o destaque que Walter Benjamin dá à “grandeza” daquele espaço nas impressões dele enquanto menino, o que ilustra a visão ampliada da atmosfera infantil em relação ao mundo ao seu redor. Nesse sentido, um parque sempre parecerá uma imensidão na qual parece ser possível se perder. Assim, o narrado relata: “um curso d’água, que me separava das flores, as tornava para mim tão intocáveis como se estivessem sob uma redoma” (Benjamin, 2012, p. 74). Foi o sensorial, por meio da visão e da atmosfera daquele lugar, que despertou nele um retorno ao passado, cheio de emoção e sentimentos até mesmo contraditórios.

No texto *Telefone*, há o relato sobre o estranhamento causado pelo primeiro contato com o telefone e uma comparação com o presente do narrador, já que “os ruídos das primeiras conversas telefônicas” soavam de forma diferente. A novidade de um aparelho mágico, ligado a um fio que, inacreditavelmente, conecta o indivíduo com outra pessoa era inovador para aquele menino. A homogeneidade entre a criança e os objetos é retomada nesse texto, já que “o telefone era como um irmão gêmeo” (Benjamin, 2012, p. 79), intrinsecamente conectado ao indivíduo. Esse avanço tecnológico chamava a atenção de Walter Benjamin e funcionava como uma espécie de perseguição, as relações nunca mais seriam como antes. O narrador destaca ter vivenciado a mudança da representatividade do telefone que, de algo novo e que causava até mesmo estranhamento e era pouco decorativo, abandonado nos cantos das residências, tornou-se um companheiro da nova geração, que passou a ter uma forma de “fugir” da solidão, ou pelo menos acreditar nisso.

E assim pude vivenciar como triunfou sobre a humilhação dos primeiros tempos de sua carreira briosa. Pois quando lustres, guarda fogos e palmeiras decorativas, consoles, mesinhas de centro e parapeitos, que então cintilavam nos salões frontais, já estavam, há muito, estragados e mortos, tal qual um herói lendário que ficava enfeitado numa garganta entre montanhas, o aparelho, deixando atrás de si o corredor escuro, fez sua entrada real nos aposentos iluminados e mais claros, agora habitados por uma geração mais jovem. Foi para esta o consolo da solidão. (Benjamin, 2012, p. 79-80).

O aparelho acendia “a luz da derradeira esperança” (Benjamin, 2012, p. 80), preenchendo o vazio, ao apresentar-se como um falso companheiro, capaz de combater a solidão. No entanto, não deixava de ser perturbador do sossego, além de responsável por uma mudança nas relações sociais que passam a ser cada vez mais supérfluas e distantes, conforme a tecnologia se desenvolve. A modernidade atravessava ali o limiar familiar e inquietava a calma existente na vida das pessoas, esvaziando as trocas de experiências mais sensoriais. Um instrumento de praticidade da vida passava a ser apenas mais um ruído, tanto no sentido literal quanto no simbólico.

Ao passo que as relações, fossem elas humanas ou entre indivíduos e objetos se tornavam mais instrumentalizadas, o empobrecimento do desenvolvimento humano ganhava forças. E, assim, os suntuários do progresso e da mercadoria transformavam-se em pontos de prostituição e de fetiche (Collomb, 2010, p. 121). Todo esse avanço, embora economicamente positivo, não é suficiente nem mesmo para se manter. Nesse sentido, o olhar apenas para o futuro não dá conta de preparar o sujeito para viver o presente ou para compreender melhor eventos do passado na tentativa de preencher lacunas importantes do agora. Toda essa relação ilustra como a teoria benjaminiana dialoga entre si e um texto vai exemplificando *insights* de outro. Por isso, o que parece simples fragmento desconexo ganha força na medida em que o leitor percebe uma forte conexão entre toda a obra de Walter Benjamin. O limiar exerce a

transição entre imagens dialéticas, que por sua vez são fragmentações que compõem uma totalidade; o retorno ao vivido é uma busca sensorial de rastros do passado que possam preencher lacunas que perpetuam até o presente, e essa simultaneidade temporal e de sensações são essenciais para só depois se pensar no futuro. Memória é mais do que parte do passado, ela também envolve o presente e precisa dele para reacender ao mundo. A importância dele é além da construção da subjetividade do indivíduo, pois também é histórica e coletiva.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa: São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinícios Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2011.
- COLLOMB, Michel. **Limiares, aprendizagem e promessa em “Infância em Berlim por volta de 1900”**. Trad. Georg Otte. In: OTTE, Georg; SEDLMAYER-PINTO, Sabrina.; CORNELSEN, Elcio. *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 113-127.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- KUSSIMI, Mirian Monteiro. Nostalgia pelo Infinito: a Alternativa Romântica ao Idealismo Alemão. In: **A Palo Seco**. Ano 9, n.9, 2017, p. 24-25. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/apaloseco/article/view/8081/pdf>

Contribuição de autoria

1 – Viviane Bitencourt dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
<https://orcid.org/0009-0000-1747-7129> • vivianebitencourtsa@gmail.com
Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

SANTOS, V. B. dos. Memória, infância, limiar e imagem dialética em Walter Benjamin. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, 2024. DOI: 10.5902/1679849X70885. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/70885>.